

Ciência, Verdade e Saber na Sociedade Moderna: Uma Perspectiva Lacaniana¹

Science, Truth and Acquaintance in Modern Society: A Lacanian Perspective

Matheus Minella Sgarioni²
Marta Regina de Leão D`Agord³
UFRGS

Resumo: Este artigo parte da tentativa de identificar a incidência de mecanismos de subjetivação atuantes na sociedade moderna e suas implicações para a configuração do estatuto que o saber assume na contemporaneidade. Recorrendo ao arcabouço teórico psicanalítico lacaniano, buscamos traçar um panorama que situa a emergência do sujeito moderno como fruto da discursividade científica, cujos efeitos sobre o campo do saber modificam a forma com que os sujeitos se relacionam com o conhecimento. A psicanálise, ao interrogar o sujeito a produzir um saber singular sobre seu sofrimento, insere-se numa perspectiva ética que busca resgatar o saber inconsciente do esquecimento a que a ciência o submete através da homogeneização e a padronização da subjetividade na contemporaneidade. Ao reintroduzir a dimensão inconsciente na leitura do sofrimento psíquico, o método psicanalítico leva em consideração a equivalência entre a equivocidade da linguagem e a equivocidade do sujeito de desejo. Dessa forma, é resgatada a marca da singularidade na enunciação em homologia com o valor como efeito da diferença significante.

Palavras-chave: Saber, Verdade, Ciência, Psicanálise.

Abstract: This article starts from an attempt to identify the incidence of subjectivation mechanisms operating in modern society and its implications for the configuration of the statute that acquaintance assumes in contemporary times. Using the lacanian theoretical psychoanalytic field, we seek to give an overview that situates the emergence of modern subject as a result of scientific discourse, whose effects on the acquaintance field changes the way subjects deal with knowledge. Psychoanalysis, questioning the subject to produce an unique acquaintance about his suffering, is part of an ethical perspective that seeks to rescue from oblivion the unconscious acquaintance excluded by science, rejecting the homogenization and standardization of subjectivity promoted by this method. By reintroducing the unconscious dimension in psychic suffering reading, the psychoanalytic method takes into account the equivalence between language's equivocity and the desire's subject's equivocity. Thus, the singularity of expository speech is rescued, in homology to the value as an effect of signifiers difference.

Keywords: Acquaintance, Truth, Science, Psychoanalysis.

¹ Apoio e financiamento: REUNI

² Psicólogo, Mestre em Psicologia Social e Institucional/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Atendimento Clínico – Ênfase Psicanálise (UFRGS); e-mail: matheusminella@gmail.com

³ Psicóloga, Psicanalista, Doutora em Psicologia (UFRGS). Professora e Pesquisadora Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional Instituto de Psicologia – UFRGS – Porto Alegre (RS); e-mail: mdagord@terra.com.br

O advento da ciência imprimiu marcas fundamentais não só na forma de pensar sujeitos e sociedade na chamada Civilização Mecânica, mas antes disso, serviu para criar o que hoje conhecemos como “indivíduo” moderno: este indivíduo, alijado de um sistema de identidade coletivo, encontra-se forçado a forjar sua personalidade de forma aparentemente autônoma e desvinculada das contingências que dizem respeito à singularidade de sua existência. O aspecto que aqui queremos destacar refere-se à maneira que o pensamento científico, fundado por Descartes e representado pelo *cogito*, irá produzir o sujeito moderno a partir da noção de indivíduo e da exclusão do saber inconsciente.

Celebrada como um avanço sobre o pensamento místico e dogmático, característico do funcionamento das sociedades pré-modernas, a revolução iniciada por Descartes com o “Penso, logo sou”, abre caminho para a especulação científica e seus efeitos, percebidos não somente no que poderíamos chamar de “área do conhecimento” – oriundo da revolução metodológica que a ciência impõe à produção do saber humano – mas estabelecendo uma particular forma de laço social ancorado na discursividade que emerge do paradigma cientificista.

Cabe distinguirmos a modernidade a partir do ideário que a funda: a prevalência da razão sobre outros métodos de obtenção de conhecimento marca a transição teórica própria ao projeto moderno. Diferentemente do que se habituou chamar de contemporaneidade, conceito que abarca um período ou época recente, a modernidade pode ser descrita como a ruptura com a tradição do pensamento místico vigente até antes da ascensão do paradigma racionalista que a caracteriza.

Tendo Descartes como precursor desta corrente de pensamento, o método científico corrobora o ceticismo cartesiano ao questionar qualquer forma de obtenção de conhecimento que possa mostrar-se duvidosa. Assim, buscando estabelecer princípios básicos indubitáveis, o paradigma científico fundado por Descartes irá afirmar que o único a que se pode chegar a saber, a partir da máxima cartesiana, é: se penso, logo sou. Este “penso”, em nada irá interessar quanto a seu conteúdo, uma vez que a ancoragem que o pensamento científico pode encontrar no que por ele é considerado a verdade, depende da verificação vinculada à essência do que se quer conhecer, e não à suposta ilusão que os efeitos do objeto podem produzir em nossos sentidos ou em nossa própria razão.

A partir do pensamento cartesiano, temos então que: se penso, não interessa o que eu possa vir a elaborar com este pensamento, pois a razão deve justamente estar livre de qualquer conteúdo que dificulte sua almejada neutralidade; se penso, a única certeza que posso ter é a de que “algo” pensa, logo, algo existe, algo é – este substrato que produz o pensamento e que se afirma como matéria pensante – que podemos chamar *ser*.

Lacan (1966/ 1998), em “*A Ciência e a Verdade*”, trata do advento da modernidade como forma de discursividade científica, e ressalta: a ciência, a partir de um “rechaço de todo o saber”(LACAN, 1966/ 1998, p. 870), procura fundar para o sujeito uma existência ancorada no ser.

O sujeito moderno, portanto, é o sujeito do “ser”, um sujeito que se supõe existência *per se*, um sujeito *uno*, um *indivíduo* – destacando-se o sentido que confere

ao termo a ideia de “não divisível”. Além disso, no que diz respeito à sua episteme, o sujeito moderno é alguém que busca, através da razão, um método neutro de relação com o objeto de conhecimento, ou seja, uma via de conhecimento desobstruída de ilusões, livre das emoções e dos erros a que elas podem levar. E isso inclui o próprio homem como objeto de estudo, daí alguns efeitos que a discursividade científica imprime sobre as subjetividades.

Partimos da seguinte noção: com o declínio das crenças religiosas e da força da tradição, que se articula por narrativas cujos significantes funcionam como apoio para o sujeito ante o desamparo constituinte de sua condição, ocorre a massificação da concepção de indivíduo que irá ser o centro de todo pensamento moderno, marcando sujeito e cultura humana de forma indelével.

O mito ultra reduzido e a exclusão do saber

Lacan localiza no “mito ultra reduzido” (LACAN, 1969-1970/ 1992, p. 84) a peça mínima de enredo que passa a funcionar como ordenador do discurso que constitui o sujeito e o representa junto ao Outro. Se as narrativas marcavam o ingresso nos coletivos que constituíam a sociedade antes que o declínio da função exercida por Deus tivesse ocorrido, nas sociedades ditas modernas é justamente a ausência de traços coletivos que irá impulsionar o sujeito a fazer, de maneira autônoma, seu próprio nome.

A esta ausência, podemos atribuir a exclusão de toda e qualquer forma de saber que não siga o princípio da racionalidade, operada pelo discurso científico. Os efeitos desta mudança surgem no âmbito subjetivo, na medida em que, para a psicanálise lacaniana, a constituição do sujeito se dá através da relação que se estabelece com os significantes do Outro, numa relação que nunca pode ser considerada radicalmente individual.

Trata-se, portanto, da exclusão de um saber que o sujeito porta sem saber e que define a sua singularidade, em função de apontar para o engate pulsional que denota sua posição em relação ao gozo. Consideramos, assim, que o saber que resta excluído da dimensão subjetiva individual diz respeito ao saber inconsciente, operação que resultará no retorno deste saber inconsciente sob a forma de sintoma, que, como Freud afirma, consiste justamente no retorno daquilo que fora recalcado pela consciência.

Lacan diz que Marx foi o responsável por enunciar a noção sintoma, antes mesmo do surgimento da psicanálise, ao localizar na greve a manifestação de que “algo não anda bem no Real” (LACAN, 1974-1975/ s.d. , sessão de 10/12/1974), no Real do sistema capitalista. O que é que não anda bem no modo de produção capitalista? Ora, se pensarmos na exploração entre os homens, divididos entre *os que possuem* os meios de produção e *aqueles que estão desprovidos* deles, facilmente identificamos que o que não anda bem no sistema capitalista está do lado do proletário.

Desprovido dos meios de gerar riqueza e dispondo unicamente de seu trabalho, que deverá ser vendido no mercado, o proletário passa a representar apenas um número no jogo de trocas humanas. Sua exploração denota que o que lhe extraem não é somente um excedente de produção, nomeado por Marx (1843/1980) “mais-valia”, mas que

também algo de sua subjetividade é espoliada. Não por interesse de acumular subjetividade, como o capitalista busca acumular capital, mas simplesmente pelo fato de que a subjetividade não tem valor para o mercado, ou ainda, por que os traços de singularidade que caracterizam cada ser humano constituem uma variável que não pode ser mensurada e controlada pelo sistema produtivo, representando, assim, uma ameaça ao equilíbrio do delicado esquema de geração de capital.

A exclusão de todo o saber, por parte da ciência, acaba por produzir sujeitos prontos para o trabalho. E o que podemos subentender da afirmação de Lacan sobre a descoberta que Marx faz do sintoma, leva-nos a considerar as consequências que a exclusão de todo o saber, efeito do discurso da ciência, tem para as manifestações sintomáticas contemporâneas.

Hoje, “somos todos proletários diante do capital” (LACAN, 1974/ s.d.). Com esta frase, Lacan faz uma provocação insinuando que ninguém escapa aos efeitos do capitalismo. Partindo do pressuposto de que o advento do sujeito da ciência é condição para a instauração do modo de produção capitalista, e que o discurso capitalista é efeito da intensificação da lógica produtiva no âmbito discursivo, podemos afirmar que a ciência é o ponto fundamental na virada de uma concepção ontológica de homem.

“Aquele que é desprovido de tudo”, talvez seja uma boa expressão para designar o sujeito moderno, na medida em que ela também define as consequências do empobrecimento subjetivo que a concepção científica impõe ao proletário, se o tomarmos como expressão da subjetividade moderna. Desprovido de sua própria história, o sujeito está condenado a ter somente um saber homogêneo ao qual recorrer; encarnado neste Outro soberano que a ciência assume ao despontar como única forma possível de saber.

A diferença nas formas singulares de nomear a experiência humana fica apagada, portanto, em prol de uma unificação do saber sob a forma da ciência, o que resulta na pobreza narrativa que caracteriza o método objetivo de leitura dos fenômenos.

Robert Musil (1930), escritor austríaco que descreve o caráter positivista do ideário moderno de maneira brilhante, serve como exemplo privilegiado na literatura dos efeitos que a discursividade científica impõe sobre os homens. Em seu livro “O homem sem qualidades” (1930), Musil narra a reação de um casal que caminhava pela rua ao deparar-se com um sujeito caído à beira da calçada, que, segundos antes, havia sido vítima de atropelamento por um caminhão.

“A dama estava com uma sensação ruim no coração e no estômago, que tinha o direito de considerar compaixão; uma sensação vaga, paralisante. Depois de algum tempo, o cavalheiro disse:

— Os caminhões pesados que se usam aqui têm um tempo de freagem longo demais.

A dama sentiu-se mais aliviada, e agradeceu com o olhar. Devia ter ouvido antes aquela expressão, mas não sabia o que era, nem queria saber; bastava-lhe que aquilo explicasse o terrível acidente, reduzindo-o a um problema técnico, que já não a interessava diretamente. Ouviram a sirene estridente da ambulância e todos ficaram satisfeitos com a rapidez de sua chegada. São admiráveis essas instituições sociais.

Colocaram o acidentado numa maca e enfiaram-na no carro. Homens com uma espécie de uniforme cuidaram dele, e o interior do veículo, que se divisava rapidamente, parecia limpo e ordenado como um quarto de hospital. Afastaram-se quase com a justa impressão de que acontecera um fato dentro da ordem e legalidade.” (MUSIL, 1930, p. 10)

A frieza e objetividade usados pelo personagem para significar o ocorrido coloca em questão a posição racionalista subjacente ao modo de pensar científico. A redução do que poderia ser considerado como um “terrível acidente” a um “problema técnico” remete ao que mencionamos anteriormente a respeito da transformação do sujeito em número e da subjetividade em algo indesejado.

O alívio sentido pela dama, que agradece com o olhar a explicação dada, pode ser entendida como expressão da voracidade da leitura científica em significar tudo o mais rápido possível, excluindo a possibilidade da dúvida ou da vacilação. Tal voracidade materializa-se numa precipitação em explicar os acontecimento sob uma ótica tecnicista e causal, em que as variáveis encontram-se em relação lógica e não dependem da ação nem são de responsabilidade dos homens.

Saber e conhecimento

O sujeito moderno, surgido a partir da revolução que o saber científico imprimiu na sociedade, não mais dispõe deste aparato de linguagem que a coletividade poderia produzir. A discursividade científica, ao fundar-se a partir da lógica escrita, reduz seus elementos constituintes ao máximo, tornando mínimos os termos que compõem um sistema. Quando uma letra pode ser isolada em uma equação, formalizando assim o conhecimento a níveis ditos exatos – níveis verdadeiros –, funda-se um método universal que passa a homogeneizar todos os saberes, passando estes a serem índices de uma verdade científica. A esse respeito, Lacan pergunta-se:

“Será que a lógica matemática existia, na compreensão divina, antes de vocês serem afetados por ela em sua existência como sujeitos? A qual teria estado daí pra frente condicionada por ela? O problema é muito importante porque aqui tem efeito este progresso que consiste em dar-se conta de que um discurso possui consequências. Foi preciso que já houvesse alguma coisa atinente aos efeitos do discurso para que nascesse o discurso da lógica matemática. Em todos os casos, mesmo que já seja possível localizar em uma existência de sujeito algo que retroativamente podemos ligar com algum efeito do discurso da lógica nesta existência, está claro e deve-se sustentar firmemente que não se manifestam as mesmas consequências desde que se proferiu o discurso da lógica matemática.” (LACAN, 1968-1969/ 2008b, p. 34, tradução nossa)

O conhecimento científico é herdeiro da lógica matemática, na medida em que também usa signos, cuja univocidade deve garantir que os dados serão corretamente interpretados em qualquer lugar do planeta. A esse respeito, Lacan afirma: “O discurso científico esforça-se em mostrar que o significante quer dizer, em si mesmo, alguma coisa.” (LACAN, 1972-1973/ 1982, p. 42) Assim, o significado buscado pela ciência é

descrito pelo autor como uma “tentativa desesperada” de dar conta do Real, uma vez que todo dado deve poder ser quantificado, mensurado, controlado.

Projetando uma grade simbólica, a ciência constrói o conhecimento a partir de seus próprios signos. Desta forma, foram possíveis diferentes arranjos técnicos, que serviram para transformar o estatuto daquilo que considera-se natural. Porém, este projeto alterou também a relação que mantínhamos com aquelas formas do saber que não cabem em números, ficando estes de fora das matrizes de nosso pensamento.

O saber que outrora serviu para dar sentido ao universo que se impunha aos falasseres, saber contado e transmitido levando em conta quem o havia contado ou transmitido, deixou apenas uma vaga lembrança: reduzida a um significante, a S_1 , esta lembrança de saber ligado ao gozo, opera em seu nível puramente estrutural – sem depender de um enredo articulado por mais de dois significantes, S_1 e S_2 . A ciência resumiu as versões, purificou as verdades dos mitos (é notável o tom negativo que a palavra “mito” assumiu com o tempo), acabou com os saberes menores, os saberes ingênuos. Condenou versões alternativas ao descrédito. Encontrou sua verdade na eliminação dos ruídos, das crenças, das credices. Depurou dos erros a leitura que fazíamos da realidade, trouxe-nos, enfim, o conhecimento.

O conhecimento científico pôde reduzir a função do saber como meio de gozo a seu aspecto mínimo. Tornou o caminho mais curto, através de explicações lógicas, replicáveis, facilmente transmissíveis e à prova de dúvidas. Desta forma, o enredo das narrativas não foi mais necessário, as histórias sobre o passado não eram mais tão preciosas, o saber não dependia mais da transmissão de alguém que o detinha: o saber podia ser escrito, replicado, lido e ensinado. Afinal, o único saber que tem alguma validade reina soberano sobre os demais, está por toda a parte atestado pelos estudos. É este o saber científico: insípido e impessoal, comum e ao mesmo tempo não pertencente a ninguém.

No campo da psicopatologia, seus efeitos deixam-se notar pela categorização clínica, cujas nomenclaturas diagnósticas agrupam sintomas sob o que lhes é comum. Esta manobra causa o distanciamento entre sujeito e a produção significativa que lhe é singular, pois, ao categorizar os fenômenos relativos ao funcionamento psíquico, a ciência passa a descrever o indivíduo que ela mesmo fundou.

Não se trata de uma visão pessimista, já que, aparentemente, a função do saber como meio de gozo se mantém, em sua estrutura, na passagem de uma forma discursiva subjetivante para a outra. Porém, devemos notar que a estrutura em questão encontra-se esvaziada, reduzida ao seu mínimo, homogênea. Trata-se da articulação significativa em sua operação lógica, necessária. Desta forma, conserva-se a articulação entre S_1 e S_2 e a sua inadequação produtora de um objeto restante, falha que motiva o desejo e impulsiona sua dialética.

Ciência e psicanálise

Poderíamos, então, dizer que esta nova face do saber, concebida como conhecimento generalizável, permitirá ao saber singular, aquele que aponta para o

enganche libidinal que determina a singularidade do lugar do sujeito em relação ao gozo, fazer ruído justamente por estar sobre este pano de fundo homogêneo.

O saber inconsciente, constituído através dos fragmentos que compõem o mito individual e das narrativas da história de cada um, retornará como sintoma, apontando para a presença de um objeto submetido ao enredo da fantasia. Este texto nunca poderá ingressar no discurso científico, ficará sempre em desarmonia com o meio e insistirá em se fazer ouvir através das formações do inconsciente.

A concepção psicanalítica de sujeito surgirá justamente para interrogar este sujeito da ciência que tem sua existência ancorada no ser. A divisão ou clivagem que Freud introduz com a concepção do inconsciente age sobre este suposto sujeito unificado no discurso científico, expondo a falha inerente que representa seu estatuto constitutivo. A este respeito, Lacan afirma:

“Dizemos, ao contrário do que se inventa sobre um pretenso rompimento de Freud com o cientificismo de sua época, que foi esse mesmo cientificismo que conduziu Freud, como nos demonstram seus escritos, a abrir a via que para sempre levará seu nome.” (LACAN, 1966/ 1998, p. 871)

É, portanto, partindo de uma concepção científica que Freud introduz a inconsistência do sujeito unificado da ciência, procurando estabelecer a existência do inconsciente como fator da divisão psíquica. O rompimento que Freud causa com a concepção de sujeito engendrado pelo discurso científico promove um retorno a que se escute o saber produzido pelo próprio sujeito, saber que esteve rejeitado pelas formas de subjetivação modernas. Assim, a concepção psicanalítica do inconsciente consistiria numa espécie de crítica endereçada ao sujeito cartesiano, constituído na ancoragem do ser no pensar.

O que Descartes precisa negligenciar para que a dúvida, como princípio, seja o meio pelo qual se tem acesso à verdade é, no entanto, o fato de o pensamento encontrar no significante a sua sustentação. O significante, impondo ao humano uma realidade que se ordena a partir da linguagem, acaba por desnaturá-lo e, assim, alijá-lo de qualquer possibilidade de encontro com o que seria da ordem de uma essência oculta a ser revelada. O sujeito da dúvida cartesiana é, como qualquer outro, um sujeito dividido e integrante de um mundo em que a realidade é tributária do significante, ponto central do que a elaboração freudiana revela. Assim, o sujeito representado no *cogito ergo sum* como uma continuidade entre ser e pensar implica a exclusão daquilo que a psicanálise entende como sendo a sua causa, a saber, a divisão fundamental imposta pela linguagem da qual resulta um sujeito que é onde não pensa e pensa onde não é.

Dogma científico

A ciência é um novo dogma. Atribuimos a ela a capacidade de reunir o saber que diz respeito à nosso ser e ao nosso sofrimento. O processo de atribuição de saber a uma instância abstrata é próprio do funcionamento psíquico neurótico, e temos, já em Freud,

esta noção relacionada à função essencial que o pai exerce na constituição do psiquismo. É através da identificação da criança com o pai, este que é o merecedor do amor da mãe (FREUD, 1921/ 2006) que se dá o atravessamento do Complexo de Édipo e o ingresso do sujeito na cultura.

O conceito de identificação, presente nas elaborações freudianas, aponta para o estabelecimento de um determinado tipo de vínculo com uma figura que, antes de ter sua existência atrelada à realidade, refere-se a uma instância psíquica que Lacan irá desenvolver com base na lógica significante e que será teorizada como o Nome do Pai.

A suposição de saber, em Lacan, está referida ao Outro, e não a um sujeito. Neste sentido, é importante retomar Hegel no que diz respeito à continuidade e ao rompimento que seu pensamento representa em relação a Descartes. Se o *cogito* sentencia que se “penso, logo sou”, identificando ser e pensamento num mesmo lugar (compreensão que está na origem do “indivíduo” moderno), Hegel irá conceber que o ser está separado do pensamento e da possibilidade de saber, uma vez que se leva em conta a dialética própria ao processo de busca pela totalização do saber.

Em outras palavras, Lacan (1968-1969/ 2008) afirma que Hegel promove um deslocamento da posição do sujeito no que tange ao saber, este encontrando-se numa relação de exterioridade ao próprio sujeito. Tal concepção, porém, não leva em conta a dissimetria que existe entre o sujeito e Outro, considerando que a absolutização do saber é possível. A essa possibilidade Lacan se opõe, introduzindo uma falha inerente à própria estrutura do Outro, a partir da ideia de existência de um conjunto vazio em seu interior.

A absolutização do saber defendida pelo método científico está calcada na noção de que existe uma verdade tangível ao conhecimento. Assim como supôs Hegel, ao afirmar sua máxima idealista: “Tudo que é real é racional, tudo o que é racional é real”, o método científico surge da ilusão de totalidade unificada do universo.

É com essa vertente que rompe a psicanálise, ao afirmar a impossibilidade de totalização de um saber, como o aforisma lacaniano coloca: “não há Outro do Outro” (LACAN, 1972-1973/1982, p.109). A dependência do sujeito em relação ao significante determina que a articulação do par ordenado se sustenta somente no campo do saber, ou seja, os significantes, por constituírem unidades de pura diferença, estabelecem uma rede que pode ter efeitos de sentido, porém nunca chegando a designar um referente de forma unívoca. A equivocidade própria ao funcionamento do significante designa a existência de uma falha lógica na estrutura do desejo, justamente onde podemos localizar a função do objeto “a”. Esta falha, marca da inexistência de um universo de discurso, constitui-se como gênese lógica do movimento que recoloca continuamente o desejo articulado na cadeia significante.

Lacan (1968-1969/2008) traz, da lógica, a noção de falha, para articular o funcionamento do significante e o sujeito do desejo. Sob a forma de um saber em falta, a estrutura inconsciente perpetua o trabalho de produção de saber, e a isto podemos atribuir o deslizamento da cadeia significante – deslizamento que ocorre no campo das representações e que denota a entrada do sujeito na linguagem.

A essência do sujeito, para a psicanálise, consiste em ser marcado pelo significante e a partir dele constituir-se. Esta concepção, introduzida por Lacan e

construída sobre a teoria do significante, busca desfazer a noção de essência que costuma centrar no paradigma biológico o que constituiria a verdade do sujeito.

Reduzir o estudo do sujeito ao modelo que o considera apenas como organismo desconsidera a dimensão que a linguagem introduz na existência humana. Cabe à psicanálise instaurar a escuta que permite à subjetividade reingressar na constituição da singularidade de cada sujeito, levando-se em conta a dependência que este tem do funcionamento significante.

O saber produzido pelo sujeito do conhecimento a respeito de sua própria existência, portanto, não permite observar as nuances próprias a cada estrutura psíquica. Alicerçando-se sobre uma gama de generalizações, o saber científico acaba por produzir sujeitos que se creem elementos de uma série de organismos, governados por leis deterministas, sem levar em consideração a articulação significante que irá representar a posição singular de cada sujeito.

O sujeito, para a psicanálise, é, portanto, marcado pelo caráter constituinte de uma divisão que opera desde seu ingresso na linguagem, e o modelo proposto por Lacan para apresentar essa cisão leva em conta um representante primordial (S_1) que representa o sujeito junto ao campo do Outro (S_2).

Sendo assim, a consequência de o sujeito ser representado por S_1 junto ao campo do saber (S_2) é a perda de gozo que a entrada na linguagem implica, de modo que o sujeito encontra-se “desinserido” do campo da natureza, pois habitante do mundo dos significantes.

Saber, verdade e gozo

A “busca da verdade”, empreendida ao longo dos séculos pela filosofia, somente demonstra o quanto necessitamos do amparo imaginário que uma certeza pode oferecer. Supor que exista um ponto rígido e estável que sustente um saber de forma definitiva resolve muitos problemas, principalmente os que estão ligados à dúvida que sentimos sobre nosso próprio desejo. Encontramos em pacientes obsessivos esta dúvida elevada ao patamar do patológico, tornando o sujeito escravo de uma operação incessante de busca por um referente. Neste sentido, Lacan esclarece que o amor pela verdade, paradoxalmente, é o amor pela castração, donde depreendemos que a castração é o último refúgio que o desejo tem para sustentar-se, e que é sob o véu da verdade, portanto, que a castração se esconde. (BADIOU, 1994, p. 66).

“o amor à verdade é o amor a essa fragilidade cujo véu nós levantamos, é o amor ao que a verdade esconde, e que se chama castração. [...] A verdade é, a saber, a impotência. [...] O amor é dar o que não se tem, ou seja, aquilo que poderia reparar essa fraqueza original (LACAN, 1969-1970/1992, p. 49).”

A suposta verdade da essência do sujeito, estando perdida desde o princípio, questiona permanentemente o aparelho psíquico, forçando a produção de saber, que só pode formar-se quando articulado pelo significante. Há, porém, uma particularidade no

que tange ao tempo em que esta operação ocorre. Freud já ensinou que o inconsciente atua a partir de um patamar atemporal, desconhecendo a distinção entre passado e futuro, desconhecendo a linearidade causal imposta pela consciência. Este saber, portanto, age significando um “futuro anterior”, quando, retroativamente, estipula o que a verdade “poderia ter sido”. Se o inconsciente é atemporal, a consciência adota a noção de temporalidade assumida por determinadas condições históricas e sociais. Seria importante, a esse respeito, ressaltar a razão como traço produzido por e produtor de subjetividades, tanto na modernidade quanto no período de modernidade tardia.

A propósito da inapreensibilidade da verdade, Lacan acrescenta, em “O Avesso da Psicanálise”, que ela pode apenas ser semi-dita. “o semi-dizer é a lei interna de toda espécie de enunciação da verdade, e o que melhor a encarna é o mito” (Lacan, 1969-1970/ 1992, p.103). O mito, assim, seria a forma *princeps* de revelação da verdade. Esta noção remete ao funcionamento do saber como ficção, em que as palavras que compõem a história são contingentes, mas a sua estrutura, apesar de não poder ser predicada numa frase, diz algo da verdade.

Dizer que as palavras são contingentes implica considerar que o saber tem sustentação no significante, e que o significante, por não ser nada mais que pura diferença em relação a outro significante, não mantém nenhuma relação possível com o seu referente, com aquilo que ele designa. É na articulação com outro significante que uma significação irá surgir, recheando assim o campo do saber.

Badiou (1994), em referência ao matemático Paul Cohen, afirma que a verdade é irreduzível ao saber. Ele propõe que consideremos a verdade como um subconjunto genérico do saber, situando como subconjunto genérico aquele “subtraído a toda determinação por uma fórmula fixa da língua” (BADIOU, 1994, p. 67), ou seja, um subconjunto de elementos indefinidos e infinitos. Se o saber deve ser passível de construção, a partir do apoio entre significantes, a verdade, então, não pode ser representada no campo do saber. “[...]uma verdade é um subconjunto da situação tal que seus componentes não podem ser totalizados sob um predicado da língua” (BADIOU, 1994, p. 67). A verdade escapa ao saber, isso pois ela está ligada ao que Lacan chamou de campo do gozo.

O gozo é um conceito que se mostra útil em diferentes épocas e tendo diferentes definições na elaboração teórica de Lacan. Neste trabalho adotaremos a perspectiva que considera o gozo como sendo determinado pelo limite do significante, localizado por uma borda que contorna o objeto e causa o apagamento do sujeito do desejo. Consideramos, portanto, que o gozo é índice da perda determinada pelo ingresso na linguagem e no discurso, subsistindo como suposição de recuperação de algo que nunca tivemos, na vertente da pulsão de morte.

Ao tomarmos como referência os matemas propostos para designar os discursos no Seminário “*O Avesso da Psicanálise*”, é possível notarmos como Lacan indica o caráter constituinte da divisão que marca o sujeito e o alija de sua própria verdade. Além disso, o uso dos matemas dos discursos é especialmente fecundo à teoria psicanalítica por reservar, em sua escrita, um lugar para o sujeito e outro para o gozo. Dessa maneira, Lacan permite avançarmos na compreensão do papel que a articulação significante tem para a produção de saber e a recuperação de gozo.

O gozo perdido quando do ingresso do sujeito no discurso é passível de ser recuperado, embora parcialmente, através da linguagem – paradoxo que remete ao funcionamento do gozo fálico. Cabe ressaltar, desta forma, que a recuperação de gozo ocorre por meio do encadeamento da linguagem, sendo esta composta e dependente dos significantes, e que é o saber produzido pela articulação significante que funciona como meio de gozo.

O gozo recuperado via saber, atrelado à articulação do par ordenado, implica necessariamente o Outro. Isso pois a verdade, considerada impossível, resulta do próprio fato de a linguagem, para o sujeito, constituir-se como um obstáculo ao gozo.

Assim, para a psicanálise, saber nada tem a ver com o sujeito do conhecimento, mas sim com um sujeito que, dividido entre dois significantes, recupera, via saber, parte do gozo para sempre perdido. Neste sentido, verdade, para Lacan, distancia-se de uma concepção que visaria à busca da suposta adequação entre pensamento e coisa, entre representação e objeto. A verdade, “irmã do gozo” (LACAN, 1969-70/1992), relaciona-se ao gozo pré-linguagem, e é nessa relação que se pode enunciar uma impotência: o saber, meio de gozo, é impotente na tentativa de recuperação do gozo perdido pela ação do significante; a verdade é ex-sistente: a articulação significante não pode tocá-la.

Ciência e Psicanálise

A banda de Moëbius serve para que possamos visualizar a diferença entre as concepções científica e psicanalítica no que diz respeito à articulação possível entre saber e verdade. Se para a ciência o saber é o conhecimento que pode ser elaborado pelo pensamento lógico, para a psicanálise, o saber diz respeito à produção significante que é singular a um sujeito.

Na estrutura da banda de Moëbius, podemos vislumbrar uma continuidade entre saber e verdade, pois é somente a partir do saber que o sujeito opera, saber que desempenha a função de verdade. Desta forma, para a psicanálise, a verdade tem estrutura de ficção pois ela pode apenas se fazer representar no campo do saber.

Para o pensamento científico, o saber é concebido como o encadeamento lógico que compõe o campo conhecimento, de forma a fazer emergir um saber que é relativo a qualidades supostamente verdadeiras de qualquer coisa ou fenômeno estudados.

Desta forma, o surgimento do campo do conhecimento irá forçar o apagamento de qualquer produção de saber que não recorra à racionalidade, restringindo e homogeneizando as possibilidades de significação que diferem do método científico. A verdade passa então a ser do domínio da ciência.

O sujeito do conhecimento, porém, precisa apoiar-se num desconhecimento fundamental para sustentar uma união possível entre seu saber e a verdade. Esse desconhecimento caracteriza-se por desconsiderar que a verdade não pode ser apreendida por ela mesma, senão através da rede simbólica que a organiza sob a ordem do significante. Ao considerar que o saber produzido no campo do conhecimento diz respeito à verdade, portanto, o cientista apoia-se numa prerrogativa que constitui um falso problema.

O que a psicanálise permite desvelar na relação entre sujeito, saber e verdade está ligado ao funcionamento do inconsciente, que opera como produtor de saber. Essa característica do inconsciente parece retornar ao próprio cientista desde o que ele considera ser a realidade, de forma a atribuir à verdade de um fenômeno as qualidades projetadas da trama simbólica em que o próprio saber se inscreve.

Consideramos que o saber só é possível através da articulação significante, e portanto, depende de uma estrutura simbólica que sustente o lugar da significação. Esta estrutura diz respeito ao Outro, campo simbólico em que se inscreve a linguagem.

Assim, concluímos que o saber que constitui o campo do conhecimento científico representa apenas um saber, e não “o” saber, uma vez que o saber nunca é definitivo. As regras específicas para que o conhecimento científico se estabeleça apoiam-se na lógica pura e na razão, restrição que define a principal característica do que marca esta forma de saber.

Podemos também dizer que, ao presumir-se um valor de verdade no saber científico, ingressa-se no campo do signo que, dirigido a um referente, designa de maneira unívoca um único sentido. Esta operação é oposta ao funcionamento significante, em que são necessários ao menos dois significantes para que uma significação emergja.

O funcionamento do signo, portanto, depende do endereçamento a um campo de saber completo, na medida em que este campo serve de garantia ao significado predicado no signo. De maneira distinta, a operação significante só é possível quando encadeada a um campo incompleto, representado pelo Outro que, na medida em que se estrutura marcado pela falta, estabelece a abertura de significações e promove a equivocidade própria à linguagem.

Recebido em: fevereiro de 2013

Aprovado em: abril de 2013

Referências Bibliográficas

BADIOU, A. (1994). *Para uma nova teoria do sujeito* (1994). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

FREUD, S. (2006). *Psicologia das Massas e Análise do ego* (1921). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. (1998). *A ciência e a verdade* (1966). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 869-892.

LACAN, J. (2008a). *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro* (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (2008b). *El seminário, libro 16: De un Otro al otro* (1968-1969). Buenos Aires: Paidós.

LACAN, J. (1992). *O seminário, livro 17: O Avesso da Psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (2003). *O seminário, livro 20: Mais ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (s/d) *Seminário 22: R.S.I. (1974-1975)*. Inédito.

MARX, K. (1980). *O Capital: crítica da economia política (1843)*: livro I. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. (Publicado originalmente em 1843).

MUSIL, R. (1989) *O homem sem qualidades*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira (Publicado originalmente em 1930).